

# A INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS TEXTOS ACADÊMICOS EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE ZAMBEZE – FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**Sousa Horácio Bartolomeu**

(Universidade Zambeze – Faculdade de Ciências Agrárias)

## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Sousa Horácio Bartolomeu** é Graduado em Ensino de Português e Inglês pela Universidade Púnguê Extensão de Tete na Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidade (FLCSH). Docente e Pesquisador na Universidade Zambeze - Faculdade de Ciências Agrárias afecto ao Departamento de Disciplinas Gerais. Avaliador de artigos científicos na revista Internacional NJINGA & SIPE: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN2764-1244). Autor dos artigos científicos publicados pelas revistas brasileiras *Inventário*; *Travessias* e *Educação* em páginas; pela revista Indiana, *International Journal of Advanced Research* (IJAR) e pela revista timorense *DADOLIN*. Participante de Congressos, Conferências, Simpósios, Jornadas e Seminários nacionais e internacionais. Email: sousahoracio5@gmail.com

## RESUMO

Analisam-se neste artigo, construções retiradas em textos académicos produzidos pelos estudantes do ensino superior da Universidade Zambeze, Faculdade de Ciências Agrárias, em Moçambique. Este país possui mais de 40 línguas de grupo bantu segundo as estatísticas nos estudos de Wache (2018) passando assim a ser considerado como multilíngue, e esta diversidade linguística influencia em todos os níveis da Língua Portuguesa, por isso neste trabalho pretendemos perceber as influências destas variedades na vertente escrita em estudantes do Ensino Superior, para isto usamos a técnica de produção textual espelhando-se no género crítico. A escolha deste género justifica-se na reflexão que fariam no processo de produção de textos provenientes de suas capacidades cognitivas e no final teve-se um total de Cem (20) textos dos quais foram retiradas 16 frases para cada texto resultando em 326 construções linguísticas. Após a análise de dados, verificamos que os estudantes (1) não possuem o conhecimento da forma correcta na escrita de alguns léxicos, (2) fazem interferência da oralidade para escrita e (3) fazem a tradução directa da língua bantu para o português, e esses problemas podem ser associados, segundo Siopa (s/d) à falta de preparação adequada dos alunos na escola secundária por causa do enchimento de salas de

## ABSTRACT

This article analyzes constructions extracted from academic texts produced by higher education students at Zambeze University, Faculty of Agricultural Sciences, in Mozambique. According to statistics from Wache's (2018) studies, Mozambique has over 40 Bantu languages, making it a multilingual country. This linguistic diversity influences all levels of the Portuguese language. Therefore, in this work, we aim to understand the influences of these varieties on the written language of higher education students. To this end, we use the critical text production technique. The choice of this genre is justified by the reflection they would make during the text production process based on their cognitive capacities. In the end, we had a total of one hundred (20) texts, from which 16 sentences were extracted for each text, resulting in 326 linguistic constructions. After analyzing the data, we found that students (1) do not have knowledge of the correct way to write some lexicons, (2) interfere with oral expression in writing, and (3) make direct translation from the Bantu language to Portuguese. According to Siopa (undated), these problems can be associated with the lack of adequate preparation of students in secondary school due to overcrowding in classrooms, the lack of community libraries, which he called a "school deficiency," as

|   |   |
|---|---|
| aulas, à falta de bibliotecas comunitárias o que denominou por “deficiência escolar”, assim como o contacto constante do Português com as línguas do grupo bantu faladas em Moçambique. | well as the constant contact between Portuguese and the Bantu languages spoken in Mozambique. |
|---|---|

| PALAVRAS-CHAVE  | KEY-WORDS   |
|---|---|
| Interferência linguística; variação linguística; produção textual; ensino superior. | Linguistic interference; linguistic variation; text production; higher education. |

## INTRODUÇÃO

Moçambique é considerado um país multilíngue e multicultural por vários autores como Siopa (s/d), Wache (2018) e Bartolomeu (2023). Para estes autores, a Língua Portuguesa (LP) convive com diversas outras línguas do grupo bantu e essa convivência torna o Ensino Aprendizagem dela um enorme desafio por parte dos professores, pois vários utentes possuem-na como L2. Diferente doutros países que assumiram a LP como o de ensino já há vários anos, em Moçambique, a LP estabeleceu-se como oficial na segunda metade do século XX, em 1975 após a independência. Passa-se, aproximadamente, metade de um século, entretanto até hoje, verificam-se formas variadas do seu uso tanto na vertente oral como na escrita.

Siopa (s/d) sustenta que se tem verificado diversos problemas “erros” na produção textual e para esta autora, estes erros, que preferimos chamar de formas diferentes da manifestação da LP, especialmente, nos estudantes Universitários, surgem, não apenas por causa da multiculturalidade, como também, pela “deficiência de escolarização que é o resultado das condições em que a aprendizagem formal se realiza (estratégias de ensino centradas no professor, turmas excessivamente numerosas, falta de materiais de apoio, inexistência de bibliotecas escolares”. Mais adiante, Siopa (s/d) sustenta que “os estudantes que ingressam na universidade não têm a proficiência linguística e comunicativa que este nível de ensino exige”.

Este nível de literacia exigida em contextos académicos tem sido um desafio para os estudantes que possuem a LP como L2, isto porque não estão habituados a conviverem com a norma padrão, daí que se verificam estruturas diferentes do português europeu vários desvios que preferimos chamar neste trabalho como “variação linguística” como em (c) e “erro” como em (a) e (b).

As universidades, por natureza, recebem diversos estudantes provenientes de vários lugares com diferentes línguas maternas e nestes lugares não existem bibliotecas comunitárias onde poderiam passar a desenvolver a leitura e consequentemente a escrita, tão pouco recebem tarefas de produção textual por motivos já mencionados acima por Siopa (s/d), esses seriam um dos caminhos que se poderiam recorrer para colmatar alguns problemas de produção textual de vários géneros.

Neste trabalho, apresentam-se algumas construções diferentes do Português Padrão redigidas por estudantes universitário e estas diferenciações de construções segundo Bartolomeu (2025) são motivadas por factores como a diversidade linguística em moçambique e nível de escolaridade. Algumas dessas construções que são objectos do nosso estudo, observa-se em (1). No contexto do português falado em Moçambique, precisa-se de, não apenas coleccionar as formas diferentes do uso da LP em diferentes níveis pelos falantes, mas também uma reflexão em torno dessas formas espelhando-se na realidade em que a LP se encontra. Note-se que, nem todas as formas distantes da norma europeia precisam de serem (re) pensados como em (a), (b), cujos desvios se centram a nível morfológico, mas em alguns casos como em (c) precisam-se de sérios estudos e discussões para a normalização destas coocorrências para “um futuro Português Moçambique” como designa Wache (2018).

1.

a) Você não sabe o que | à | | **por enfrente** | e | **tái** | o caso do Mário.

i. Você não saber o que há enfrente.

ii. Está aí o caso do Mário.

b) Se ele não | **fazer** | Cerimónias em dois dias não pode ir chorar | **na** | porta da casa da Amélia.

iii. Se ele não fizer cerimónias em dois dias, não pode ir à porta da casa da Amélia chorar.

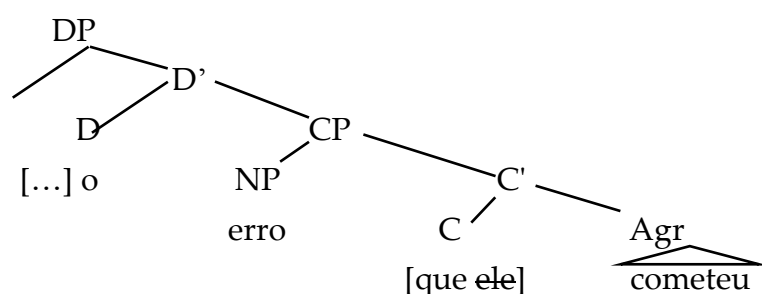
c) Esse foi o erro | **que ele** | cometeu.

iv. Esse foi o erro que [-] cometeu.

As construções apresentadas acima estão todas distantes da Norma Europeia, estas variações linguísticas centram-se nos níveis lexical, sintáctico e morfológico. Além da escolha imprópria de constituintes linguístico em determinadas frases, também se verifica o erro de escrita de algumas palavras como se observa em (1.a). Nesta construção, verifica-se o uso da crase numa situação em que deveria ocorrer o verbo (haver) e os outros desvios, na mesma frase, centram na dupla escolha de léxicos da mesma classe morfológica, o caso de Preposições (por) e (em) que antecedem o Substantivo (frente), além da contração entre o Verbo (estar) e o Pronome deíctico (aí), características meramente orais, uma situação não pode ser considerada variação. E, em (b), também se verificam os desvios da mesma natureza apesar deste se encontrar na tradução directa da Língua Bantu para o Português.

O predicado empregado na construção em (b) é de movimento e a sua regência é “a” quando indica curta permanência e “para” quando indica longa permanência, neste contexto, temos a contração da Preposição (P) “em” e o Determinante (D) “a” que forma o Sintagma Nominal interno “a porta”. A sua versão correcta seria o emprego da Preposição “a” que resultaria numa crase. Outro aspecto que será verificado nas construções deste género é o posicionamento de Sintagmas para posições não aceitas na Norma Europeia como se verifica na frase em análise. O outro aspecto observado na mesma frase é a discordância existente entre o pronome “SE” que introduz a Oração Subordinada condicional e a forma verbal do verbo “FAZER” que deveria estar no modo conjuntivo como se pode constatar em (b.iii)

Já em (c), observa-se o uso do pronome pessoal recto numa posição que deveria ocorrer a categoria vazia [-]. Este pronome que surge após o morfema relativo “QUE” é recuperado pelo predicado verbal que posteriormente aparece, não só, Bartolomeu (2023) ao definir o morfema “que” como o que desempenha a função de co-referência nas situações em que aparece dentro de CP “Sintagma Complementador” com características +N, acredita que os pronomes pessoais usados depois do constituinte relativo são inúteis tal como se ilustra na árvore abaixo.



Como se pode depreender, há, nesta construção, uma tendência de transferência directa da oralidade para escrita, daí que se podem recorrer alguns factores mencionados por Siopa (s/d) referentes “a falta de bibliotecas comunitárias e existência de turmas excessivas que resultam no método expositivo por parte dos professores e nesta variação linguística”, portanto, construções desta natureza serão objecto da reflexão durante o desenvolvimento deste estudo.

## 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE

Segundo os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (2017, p.5),



Moçambique é um país africano localizado na África Austral, que tem 27, 864, 265 número de habitantes, socioculturalmente divididos em várias etnias, cada uma dela caracterizada por uma diversidade linguística extensa. Ainda os estudos desenvolvidos pelo INE (2017), demonstram que a língua portuguesa no território Moçambicano é apenas falada por 16,9% de população e cerca de 83,9% falam as línguas nacionais no seu dia e possuem-nas como maternas, porém os mesmos dados sublinham que o Português é língua de preferência nas zonas rurais e as línguas nacionais têm a tendência de serem excluídas apesar do seu uso variado. Essa diversidade linguística faz com que o Português não tenha as mesmas características em cada região do país. E, de acordo com Lindonde (2018, p.17) citado por Bartolomeu (2023, p.56), “a LP foi elevada à categoria da língua da Unidade Nacional e de comunicação oficial nos domínios políticos e administrativos em 1975 após se tornar independente” mas durante este período, ainda não se desenvolveu um estudo oficial referente ao número exato das línguas faladas em Moçambique, pois ao longo deste intervalo, diversos estudos ilustraram números diferentes das línguas faladas.

Por exemplo, Firmino (1998, p.250) citado por Bartolomeu (2023, p.56) nomeiam apenas (15) línguas bantus faladas em Moçambique diferenciando-se de outros dados como os de Ngunga (1989) que aponta existirem (33) línguas. Os contrastes sobre o número exacto de línguas bantus deve-se ao facto de cada língua possuir uma ou mais variantes, por exemplo, “Cisena” é uma língua falada na zona centro de Moçambique, mas devido a localização geográfica e contactos com culturas, tradições e hábitos diferentes, a sua fonética é totalmente diferente, daí que, Ngunga (1989) considera que dentro desta língua, existem quatro variedades, por meio desta ideia, Wache (2018) considera, contando com as variantes, um número de quarenta línguas nomeadamente: Nyanja (1), Yao (2), Makhuwa-Meeto (3), Makonde (4), Swahili (5), Mwani (6), Ngoni (7), Makhuwa-Saka (8), Makhuwa-Chirima (9), Lomwe (10), Makhuwa (11), Natthembo (12), Koti (13), Makhuwa-Marrevone (14), Makhuwa-Moniga (15), Chuwabu (16), Maindo (17), Sena (18), Lolo (19), Manyawa (20), Takwane (21), Kokola (22), Marenje (23), Nyungwe (24), Phimbi (25), Dema (26), Nsenga (27), Kunda (28), Tawara (29), Manyika (30), Barwe (31), Tewe (32), Ndau (33), Tsonga (35), Chopi (36), Ronga (37), Zulo (38), Zulo (39) e Swati (40).

Sobre esta diversidade linguística no território Moçambicano, Bartolomeu (2023) sustenta que, as línguas bantu, desde antiguidade, são faladas em toda parte do continente Africano, particularmente, em Moçambique, e é difícil de se fazer a delimitação do espaço exato onde se falava, exclusivamente, o Português. Esse convívio diversificado das línguas faz com que se observe o fenómeno de bilinguismo e da variação do português em vários níveis como lexical, semântico, morfológico assim

como pragmático influenciando assim na vertente escrita.

As Línguas do grupo bantu desde os anos 1980 em que se começou a verificar o uso da língua portuguesa, o seu estatuto social foi perdendo valor passando assim a serem marginalizadas as pessoas que até hoje continuam a falar nos ambientes formais. Como afirma Firmino (2022, p.132) o português é visto como a língua da cidade e uma pessoa não se sente parte legítima da zona central, com a capacidade de ser integrada nos seus esquemas, se não tiver o seu domínio adequado. Por esta razão, aprender línguas autóctones não é um projeto tentador para a geração jovem, dada a dinâmica social da vida na zona central.

A exclusão e a marginalização das línguas bantu é um aspecto psicológico associado, como se vê na citação acima, aos menos escolarizados, razão pela qual, o número de falantes destas línguas tem baixado drasticamente e aumentando o número de falantes da língua ex-colónia, o Português. Segundo os dados apresentados por Gonçalves (2010, p. 4), os dados estatísticos dos censos da população (1980, 1997 e 2007) apontam para estágios de evolução de número de falantes do português como primeira língua (1980 – 1.2%; 1997 – 6.5%; 2007 – 10,7%), ao passo que, relativamente às línguas moçambicanas, há um visível recuo (1980 – 98.8%; 1997 – 93.5% e 2007 – 85.2%).

Para essa linguista, o Português Moçambicano ou o Português em Moçambique nasce com a independência do país em 1975, a partir dos primeiros contatos reais entre ele e as línguas moçambicanas por volta dos anos 1980, porém, apesar de alguns anos se terem passado, a escrita da língua portuguesa nestas pessoas é um desafio enorme por causa das interferências linguísticas especificamente na componente morfossintáctica, por isso nos interessamos neste trabalho em saber até que nível as línguas excluídas (do grupo bantu) influenciam no português escrito e quais são as possíveis causas destas influências.

## 1.2 ESCRITA ACADÉMICA

A escrita académica é um processo que merece atenção de vários estudiosos por causa do grau de responsabilidade que estes possuem no mundo académico, especialmente em Moçambique por causa da diversidade linguística visto por muitos estudiosos como influenciadoras da variação do Português e um desses estudos foram desenvolvidas por Siopa (s/d), leitora de língua e cultura portuguesa do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. Ela sustenta que a escrita académica é uma ferramenta de aprendizagem e um instrumento de comunicação, complexo e multifacetado pois, para além da produção escrita propriamente dita, esta implica um processo de aquisição, transformação e

comunicação do conhecimento. Este processo inclui tarefas diversificadas requeridas pelas várias disciplinas, sendo necessário que os estudantes desenvolvam as respectivas habilidades.

Ainda para Siopa (s/d), o conhecimento comunicativo requerido na produção de textos inclui, por um lado, o conhecimento discursivo ao nível dos géneros textuais (construção e integração oportuna, nos diferentes textos, de sequências explicativas e argumentativas) e, por outro, um conhecimento processual (execução de tarefas de pré-escrita e pós-escrita), ao nível da aplicação de estratégias que permitem gerar, monitorar, rever e editar a construção do discurso escrito.

Quando os estudantes têm de expressar conhecimentos relativos às disciplinas da sua área de formação, Ferris (2009) sustenta que, não só devem dominar o vocabulário específico dessa área de conhecimento, mas também se espera que, ao escreverem, o façam processando a informação recolhida. Para tal, Siopa (s/d) acrescenta que “devem estar familiarizados com os processos cognitivos e verbais implicados nos actos de explicar, sintetizar, fundamentar, incorporar fragmentos textuais (notas e citações), expor (resultados de investigação) e argumentar”. É necessário ainda construir textos com introduções e conclusões adequadas, utilizando os elementos de coesão (p. ex. referência pronominal e co-referência) e os padrões de pontuação necessários à progressão e organização do sentido.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa identifica-se como qualitativo e descritivo, pois almejamos apresentar a manifestação da Língua Portuguesa, na vertente escrita, dos falantes que a possuem como L2. Para a recolha de dados, foram seleccionados, de forma aleatória, 20 estudantes dos quais, 10 do curso de Engenharia Agropecuária e 10 do curso de Engenharia Alimentar da Faculdade de Ciências Agrárias – Universidade Zambeze. Cada estudante produziu 1 (um) texto. Em cada, foram extraídas 16 (dezassex) construções linguísticas com estruturas diferentes do português europeu, uma norma em uso em Moçambique. No final, teve-se, no total, 326 construções linguísticas.

O uso desta metodologia foi motivado pelas ideias de Cambraia (2012, p.295) ao afirmar que “a crítica textual contribui para a recuperação, transmissão e preservação do património cultural escrito de um povo”. Não só, o mesmo autor acrescenta que “a crítica textual tem forte relação com os estudos linguísticos (em especial, com os que tomam o texto escrito como corpus para a análise linguística”. Na faculdade onde foram recolhidos os dados, são ministrados dois cursos respectivamente a Engenharia Agropecuária e Engenharia Alimentar que foram o centro dos nossos estudos.

Para efeito, os estudados foram submetidos ao teste de produção provocado diante de um livro de crônicas do escritor Moçambicano “Sousa Bartolomeu” intitulado “O País escondido entre as pernas” a fim de escolherem uma crônica e a seguir produzirem um resumo crítico de acordo com as suas tradições culturais. Ou seja, os estudantes, naturalmente, com o conhecimento que possuem sobre o funcionamento da Língua Portuguesa, poderiam produzir um resumo (texto) crítico explicando como é que a situação é encerrada pela nas suas tradições.

A escolha do nível morfosintático para análise do corpus não foi apenas para compreender os problemas que os informantes possuíam na escrita de algumas palavras ou até na formação de uma estrutura linguística completa em Português, como também de explicar as interferências linguísticas presentes nas estruturas e demonstrar que a estrutura gramatical nas línguas bantu, é totalmente diferente das estruturas do Português. Nos textos, podem ser analisados sob vários pontos de vista, e nós escolhemos as variáveis (i) Emprego de artigo definido ou indefinido em situações obrigatórias, (ii) Concordância verbal, (iii) Erros morfológicos, (iv) Emprego de pronomes clíticos e (v) Uso de anáfora em situações obrigatórias. Consideramos que estas sejam variáveis essenciais para uma escrita académica.

Para o tratamento de dados, todos os textos foram transcritos para o Microsoft office profissional Plus 2010 por meio do sistema Windows 10 Pro Version 22H2, e para garantir a confidencialidade dos informantes, optamos pela codificação deles, assim, aos estudantes do 1º ano da Engenharia Agropecuária da Faculdade de Ciências Agrárias será usado o código EEAGFCA1 e aos do 4º ano será usado o código EEAFCA4. Doutro lado, aos estudantes do 1º e 4ºano, respectivamente, do curso de Engenharia Alimentar serão usados os códigos EEALFCA1 e EEALFCA4.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As nossas análises centram-se apenas no nível morfosintático e não semântico textual. Ou seja, após a recolha dos textos produzidos, não nos importamos com a progressão textual para o nível semântico, mas sim retiramos algumas construções que se mostram diferentes das normas estabelecidas pelo Português Europeu. Algumas destas construções apresentam-se em (1), (2), (3), e (4).

1. Cara de Samora neste texto | refere dinheiro. | EEAFCA4
2. O RH | selecciona questões mais fácil | para ela. EEALFCA1
3. Para o autor, | não-se trabalha sem a cara de Samora. | EEAGFCA1
4. Aqui não há corrupção é | um texto | muito bom. | Porque o texto



nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

Os estudantes do 4º ano, como se referiu anteriormente, são os que já possuem a familiaridade com diversos livros de vários gêneros, por isso, as construções produzidas por este grupo eram suposto que seguissem as normas básicas da escrita, porém, não é o que se verifica em (1). Além da ausência do artigo definido que é a chave para a formação do Sintagma Nominal externo com a função de sujeito, também se verifica a ausência da preposição seleccionada pelo predicado principal da frase. Durante os estudos de Wache (2018) o predicado | *Referir-se* | é classificado como o que subcategoria o Complemento Obliquo e rege a preposição | *a* |. Estas explicações dadas por Wache (2018) surgem como forma de complementar, não apenas a teoria de Seleção Categorical, mas também da Regência e da Subcategorização, ambos pertencentes a teoria de X-barra tal como se observa em (1.1)

PE: | *Referir-se a* |

1.1. A cara de Samora neste texto | *refere-se a* | (o dinheiro.)  
EEAFCA4

As ocorrências semelhantes verificam-se na construção apresentada em (2). O predicado | *Selecionar* | elege o Sintagma Preposicional (SPREP) como se ilustra na versão do Português Europeia abaixo nas construções em 2.1.

PE: | *Selecionar a* |

2.1. O RH | selecciona a | (as questões mais fáceis) para ela.  
EEALFCA1

O desvio presente em (3) acima, diferencia-se dos demais, pois não se centra na Subcategorização, mas sim, na colocação dos pronomes clíticos. Num estudo feito por Wache (2018), ao abordar sobre a colocação dos pronomes clíticos, faz uma abordagem explicativa referente aos parâmetros que se podem seguir para o uso da Próclise, neste diapasão, sustenta que se pode recorrer a este processo apenas em circunstâncias em que se tenha as palavras atractoras, para isto, ele descarta o uso do símbolo “hífen –” como se pode ver em 3.1. abaixo.

3.1 Não se trabalha sem a cara de Samora. EEAGFCA1

A textualidade faz parte dos elementos de produção de um texto e dentro dela existem vários componentes como é o caso da coesão referencial que foi violada pelos

informantes na construção apresentada em (4). O que ocorre na oração em referência é a repetição de Sintagmas Nominais (SN) com as mesmas características e com os mesmos valores semânticos, poder-se-ia, neste contexto, recorrer-se ao processo de elipse que recaia no segundo SN presente na segunda oração ou à coesão referencial, especificamente, a Anáfora que consiste no uso de expressões linguísticas distintas para se referir aos termos já mencionados como se observa em 4.1. e 4.2. respectivamente.

4.1. Aqui não há corrupção | é um texto muito bom, porque nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

4.2. Aqui não há corrupção | é um texto muito bom. Este nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

As construções em (2), (3) e (4) respectivamente, foram produzidas de forma agramatical. Esta agramaticalidade deve-se a ausência de práticas de leitura, pois a inserção de artigos e o conhecimento da escrita correcta das palavras tal como se verifica em (2) são questões relacionadas com a falta de práticas de leitura por parte de falantes, pois segundo Siopa (s/d), a escrita de algumas palavras e o conhecimento básico da gramática da língua aperfeiçoa-se durante as actividades da leitura. Estas causas podem ser associadas aos números subsequentes como em (3) e em (4), mas não em (1) que é caracterizada pela ausência de preposição e artigo definido do Sintagma Nominal, pois fazendo-se a tradução directa da mesma construção para as línguas do grupo bantu, percebemos a inexistência das exigências citadas acima como se pode observar em 1.1., 1.2. e 1.3.

1.1. [-] Nkhope ya Samora | pa | malembo | pepa | iku dzuisa kubiri.<sup>1</sup>

1.2. [-] *cara de Samora na escrita esta está demostra dinheiro.*

1.2. [-] Nkhope la Samora | pa | malembo | amenea | iliku thandauza ndalama.<sup>2</sup>

*[-] Cara de Samora na escrita esta está demonstrar dinheiro.*

1.3. [-] Nkhope ya Samora | pa | malembro | pomwepa | iku panguinza kubiri.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Segundo Para Ngunga, et al (2022, p.187), a língua Sena (doravante Cisena, N 44 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 1.551.684 falantes de cinco ou mais anos de idade (INE, 2017), é falada nas províncias da região centro de Moçambique respectivamente Manica; Sofala; Tete e Zambézia.

<sup>2</sup>Ainda para Segundo Para Ngunga, et al (2022, p.165), a Localização e número de falantes A língua Nyanja (doravante Cinyanja, N° 31 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 1.568.701 falantes (INE, 2017), é falada em três províncias de Moçambique, a saber: Niassa; Zambézia; Tete. Mais adiante, os mesmos autores acrescentam que a mesma língua é também falada nas repúblicas de Malawi e Zâmbia, onde goza o estatuto de língua “nacional” no primeiro caso e de “uma das sete línguas nacionais” no segundo caso.

[–] *Cara de Samora na escrita esta está demonstrar dinheiro.*

Diferentemente da Língua Inglesa que ocorre obrigatoriamente com Sintagma Nominal externo ou a LP que opcionalmente exige o uso do mesmo Sintagma em alguns casos, as línguas bantu são excepcionais a estas regras, pois a formação de SN's não ocorre com Determinantes. E nas frases traduzidas para as línguas bantu à nossa escolha, não apenas apresentam a ausência do Artigo definido responsável pela formação o núcleo nominal, mas também presencia-se a ausência das preposições regidas pelos predicados verbais.

Ainda nestas traduções, verificamos a presença de vários elementos que em casos de se recorrer a tradução directa poder-se-á ter o resultado de frases estranhas ao Português como se pode depreender em (4) e em (1).

**Tabela 1:** Distribuição de entradas canónicas e desviantes

| Tipo de ocorrências  | Entradas   |                 |           |                |
|--|------------|-----------------|-----------|----------------|
|  | Desviantes | Desviantes em % | Canónicas | Canónicas em % |
| Emprego de artigo definido ou indefinido em situações obrigatórias | 74         | 22,6%           | 31        | 9,5%           |
| Concordância verbal  | 34         | 10,4%           | 15        | 4,6%           |
| Erros morfológicos   | 23         | 7%              | -         | 0%             |
| Emprego de pronomes clíticos                                       | 61         | 18,9%           | 26        | 7,9%           |
| Uso de anáfora em situações obrigatórias                           | 44         | 13,4%           | 18        | 5,6%           |
| Total:   | 236        | 72,3%           | 90        | 27,6%          |

**Fonte:** Elaborada pelo autor (2024)

A tabela 1 demonstra a distribuição das entradas após a recolha e tratamento do *corpus* em estudantes do ensino superior da FCA. Conforme se pode depreender, no universo de 20 textos, foram obtidas cerca de 326 ocorrências das quais, 236 construções variantes do PE correspondentes a 72,3% e 90 canónicas correspondentes a 27,6%. As

<sup>3</sup>Para Ngunga, et al (2022, p.177), a língua Nyungwe (doravante Cinyungwe, N43 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 529.048 falantes de cinco ou mais anos de idade (INE, 2017), é falada na província de Tete e na província de Manica.

variações nas estruturas linguísticas centravam-se (i) na ausência dos artigos definidos ou indefinidos em situações obrigatórias como se pode depreender em (1) e (2); (ii) ausência de concordância entre os elementos como em (3) e (4); (iii) erros na escrita de alguns léxicos como em (1.a) na parte introdutória; (iv) emprego indevido de pronomes clíticos como em (5), (6) e (7) e (v) o não uso de anáfora em situações obrigatórias como em (10) e (11).

### 3.1 EMPREGO DE ARTIGO DEFINIDO OU INDEFINIDO EM SITUAÇÕES OBRIGATÓRIAS

1. O autor | nos convida a | reflectir | sobre escolhas | que podem afectar o nosso futuro. EEAGFCA1
- 1.1. | reflectir sobre [-] escolhas | que podem afectar [-] nosso futuro.
- 1.2. Reflectir sobre | (as escolhas) | PE
- 1.3. ..afectar | (o nosso futuro) | PE

Na construção em (1.1) apresenta-se a ausência destes determinantes danificando a formação de NP's internos. Os artigos definidos e indefinidos segundo (ALFREDO, 2021) são de extrema importância na língua portuguesa por causa do seu poder semântico. A ausência dos artigos destacados em (1.2) e em (1.3) não apenas danificam a formação de NP's, mas também comprometem a Subcategorização verbal na formação dos Complementos Directos (CD) e como se viu anteriormente, as causas destas ausências associam-se a diversidade linguística em Moçambique, pois as línguas bantus funcionam sem determinantes como se viu em 1.1., 1.2. e 1.3.

A semântica da construção em (2) também é comprometida devido a ausência do determinante. O sentido de qualquer produção textual é dependente dos determinantes por causa do poder de carregam a semântica de definição e indefinição daquilo que se fala, deste modo, a construção que se apresenta em (2), o emprego em destaque aparece de forma geral sem informações da sua determinação e indeterminação, e tratando-se de um texto conhecido por todos, esperava-se que os nossos informantes usassem o artigo definido (o), não apenas para cumprir com os paradigmas Sintácticos, mas também semânticos como aparece em (2.1).

2. A Edna remeteu os documentos numa instituição para ver se | conseguia emprego. EEAGFCA1
- 2.1. | conseguia (o emprego). | PE



### 3.2 AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA VERBAL

No *corpus* foi possível verificar vários casos relacionados com a ausência da concordância em situações obrigatórias e uma dessas ocorrências podem-se verificar nas construções em (3) e em (4). Nestas frases ajuizadas pelos informantes como gramaticais não obedecem às regras de concordância entre os dois termos.

Na frase em (3), a variação centra-se na falta de concordância entre o Sintagma Nominal (uma mulher) e o predicado (SER) que se encontra na terceira pessoa do plural. Nestas ocorrências, o que se verifica é a falta de conhecimento referente aos termos que partilham semelhanças, neste caso, o correcto segundo a Norma Europeia usada em Moçambique seria a pluralização do SN com vista, não só a concordar com os demais termos, mas também para obedecer aos parâmetros semânticos da frásicos.

3. O texto critica a forma como | uma mulher são | tratadas.  
EEAGFCA1
- 3.1. | uma mulher (é tratada) | PE
4. O texto tem conteúdos que critica o comportamento dos chefes.  
EEALFCA1
- 4.1. | Conteúdos que criticam | PE

### 3.3 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS

Os estudos referentes ao uso dos pronomes clíticos são frequentemente estudados no Português falado e escrito em Moçambique. Alguns estudos são mais descritivos e outros explicativos como os de Wache (2018). A preferência de onde se deve usar o clítico, parece novo para quem sai das línguas bantu para o Português e a razão disto caí sempre na ausência destas partículas linguísticas nestas línguas e como consequência verificam-se casos apresentados em (5), (6) e (7).

5. Uma recém-formada em busca de emprego | que-se | encontra  
diante da pressão. EEALFCA1
- 5.1. | Que se encontra diante da pressão | PE
6. | Nos leva a reflectir | sobre as formas de organizar o nosso  
futuro. EEALFCA1
- 6.1. Leva-nos a reflectir |
7. O texto | nos informa | acerca de atitudes que as empresas fazem.  
EEAGFCA1
- 7.1. | Informa-nos acerca de atitudes |

8. Falei-te.<sup>4</sup>

8.1. Nda kubvundza (tay)<sup>5</sup>

9. Não te falei.

9.1. Sida kubvundza (tay<sup>6</sup>).

Os pronomes clínicos nas línguas do grupo bantu ocorrem dentro das formas verbais. Como se pode depreender em (8) e em (9), apresentam-se frases na forma afirmativa e negativa em Português e em Língua Sena (bantu), pode-se constatar nestes dois exemplos traduzidos a ausência do pronome clítico (TE). A palavra (NDA) no exemplo em (8.1) significa “EU” (KUBVUNDZA) significa “falar” em língua sena e em (9), a palavra (DIDA) une duas palavras, respectivamente “EU” e “NÃO”. Quer-se com isto dizer que as línguas bantu não apresentam os pronomes clíticos e esta inexistência influencia directamente na fala tanto como na escrita do Português e estas influências podem-se verificar nos exemplos ajuizados pelos informantes como sendo gramaticais em (5), (6) e (7).

Em (5) o desvio centra-se no uso do “hífen” uma vez que o pronome relativo é descrito como se vê em Wache (2018) como atractor para ocorrência de próclise que é a posição antes do verbo. Em (6), de acordo com a norma usada em Moçambique, os pronomes clíticos, em casos de não haver palavras atractoras, devem ocorrer sempre na posição pós-verbal como aparece na versão apresentada em 6.1 e 7.2.

### 3.4 USO DE ANÁFORA EM SITUAÇÕES OBRIGATÓRIAS

Durante a recolha de *corpus*, verificou-se a co-ocorrência de Sintagma Nominal e o pronome pessoal com as mesmas funções, situações que achamos estranhas ao Português Europeu.

10. Nesta história está mostrando que | a mulher ela | quando tem um corpo invejável | ela | pode ter várias saídas. EEAGFCA1

10.1. Nesta história está mostrando que a mulher [-] quando tem um corpo invejável [-] pode ter várias saídas. PE

11. | A Edna ela | foi procurar emprego. EEALFCA1

11.1. A Edna foi procurar emprego. PE

<sup>4</sup>Este exemplo não faz parte do corpus, foi elaborado com intuito de se explicar a ocorrência de clínicos em línguas do grupo bantu.

<sup>5</sup>Tradução de Língua Portuguesa para Sena.

<sup>6</sup> Segundo Ngunga et al (2022) A expressão (tay) é enfática, o seu uso é opcional, pois a sua retirada não danifica a semântica da frase.

A textualidade serve como uma pasta onde várias ferramentas são reservadas para o processo de arranjo dos textos em qualquer língua e o que se observa no *corpus* acima evidencia a ausência destas ferramentas especificamente o mau uso da anáfora. Os Sintagmas (A mulher) tanto como (A Edna) enceram as funções de sujeito, daí que a sua reutilização de forma seguida se torna estranho em Português. E 9% do *corpus* revelou a ocorrência de construções com estas características e as causas podem se associar a falta de leitura, pois se tratam de questões que se encontram em várias gramáticas.

Os dados analisados acima, distanciam-se da norma europeia, apesar de não serem erros é preciso que se encontrem sugestões metodológicas a serem implementados no ensino primário e secundário à nível do ministério de educação a fim de culminar esses problemas verificados.

#### 4 TÓPICO D

A Língua da ex-colónia Portuguesa foi introduzida como oficial nos princípios da década de 1980 como sustenta Wache (2018), mas o seu desvio em Moçambique tem sido o objecto de estudo de várias pesquisas, pois se tem verificado a sua variação distanciando-se das normas estabelecidas pela Norma Europeia e o contacto directo que o Português tem com as línguas do grupo bantu tem sido uma das principais causas apontadas por vários estudiosos como Wache (2018), Lindonde (2018) e Bartolomeu (2023).

Estas variações foram verificadas ao longo da análise do corpus como é o caso das ausências dos artigos definidos nas posições obrigatórias e mais adiante verificamos a escolha indevida da posição de ocorrência de pronomes clíticos e esses dois fenómenos segundo as análises comparativas feitas neste estudo concluímos que os informantes não possuem, não apenas o conhecimento das regras de gramática, mas também sofrem com a pressão que as suas línguas maternas fazem no processo comunicativo como estudantes do ensino superior.

Ainda nas nossas análises, verificamos a coocorrência de Sintagmas Nominais na mesma posição e com as mesmas funções semânticas o que apelidamos de “ocorrências estranhas”. Este estudo revela o nível do Português em uso em Moçambique e estas são as razões fortes de se fazerem estudos profundos para possível padronização de certas ocorrências como é o caso da colocação dos pronomes cíticos cuja tendência centrou-se mais na próclise além da Ênclise como sugere a Norma Europeia em uso em Moçambique e aos demais desvios como é o caso da má escrita de palavras, tanto como ausência de artigos definidos na formação dos Sintagmas Nominais externos e internos verificamos que tinha a ver com a falta de prática de leitura que é um dos problemas também mencionados nos estudos de Siopa (s/d) como um dos factores que condicionam os desvios em estudantes universitários.

#### REFERÊNCIAS

BARTOLOMEU, S. H. UMA ANÁLISE DAS RELATIVAS DE “QUE E ONDE” DO PORTUGUÊS ORAL MOÇAMBICANO. **Inventário**, [S. l.], n. 32, p. 58–72, 2023.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/56154>.

Acesso em: 21 set. 202.

CAMBRAIA, C. N. **Ciência da linguagem**: O fazer científico. v. 1. Brasil, 2012.

FERRIS, D. **Teaching college writing to diverse student populations**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2009.

FIRMINO, G. **A questão linguística na África pós-colonial**: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique. Maputo: Promedia, 2002.

INSTITUTO NACIONAL ESTATÍSTICA. IV Recenseamento Geral da População e Habitação. **Indicadores Sócio-demográficos Moçambique**. 2022, Moçambique.

NGUNGA, A. **Relatório do IV Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas moçambicana**. Maputo, 2022.

GONÇALVES, P. **A génese do português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional/C da Moeda. 2010.

SIOPA, C. **Competências de escrita no ensino superior e o tratamento do erro em português L2**. Maputo, S/d.

WACHE, F.M. **O português em (De) Moçambique**: Áreas de ruptura. Editora Real design. Maputo, 2018.

Título em Inglês:

THE INFLUENCE OF LINGUISTIC VARIATION IN ACADEMIC  
TEXTS AMONG STUDENTS AT ZAMBEZE UNIVERSITY – FACULTY  
OF AGRICULTURAL SCIENCES